



# Educação de Jovens e Adultos nas comunidades Quilombolas: implicações e vantagens da aquisição do letramento

# Youth and Adult education in the quilombola communities: implications and advantages of the acquisition of literacy

***Deise Teresinha Radmann Cunha***

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Pelotas. Pedagoga e Professora na Escola de Educação Infantil Pequena Estrela. Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil

***Georgina Helena Lima Nunes***

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil

***Leandro Haerter***

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas. Técnico em Assuntos Educacionais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, Campus Pelotas. Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil

## **Resumo:**

Este trabalho surge da pesquisa realizada pelo Programa de Extensão Universitária: “Formação Docente e Políticas Educacionais para Quilombos: Continuidades e Perspectivas”, financiado pelo MEC/SISU e executado pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, em uma das atividades do referido programa, visitávamos as residências das comunidades existentes nos municípios de Canguçu, Pelotas, Piratini e São Lourenço do Sul, investigando o índice de escolaridade das pessoas, qual o motivo de terem interrompido os seus estudos, como se sentiam dentro da escola. Esta pesquisa ainda encontra-se em andamento e como dados preliminares é possível citar que a maioria das pessoas acima de 60 anos não frequentou a escola, ou se frequentou, não ultrapassou as séries iniciais. Nas gerações atuais, as mulheres são as que menos tempo estiveram na escola e como principal motivo apontam a formação da família, e os homens, a manutenção desta. Dentre as respostas variadas que recebemos, algumas se destacaram, mostrando como as pessoas se educavam na informalidade como nos depoimentos das pessoas que aprenderam a ler enquanto prestava o serviço militar ou lendo a bíblia. É interessante para tanto analisar qual a relação que as pessoas fazem com a aquisição do letramento e a aplicação em suas vidas; quais as mudanças que ocorreram na vida delas após conseguirem decifrar o código escrito. Para ter sentido, é preciso que seja um processo interativo, onde a escola trabalhe com o contexto do educando, suas histórias e intervenções destes estudantes que podem contribuir, fazendo algum sentido para eles.

**Palavras-chave:** Educação de Jovens e Adultos. Educação Escolar Quilombola. Educação informal.

**Abstract:**

This text arises from the research developed by Programa de Extensão Universitária: “Formação Docente e Políticas Educacionais para Quilombos: Continuidades e Perspectivas”, funded by MEC/SISU and executed by Faculdade de Educação of the Universidade Federal de Pelotas, in one of the activities of this Program, we visited the members of communities residences in the municipalities of Canguçu, Pelotas, Piratini and São Lourenço do Sul, investigating the level of education of those people, the reason they have interrupted their studies, how they felt inside the school. This research is still in progress and as preliminary data it is possible to mention that most people over 60 did not attend the school, or if they were attended, they did not exceed the séries iniciais. In the current generations, women are whose less time were in school and as the main reason indicate the family formation, and the men, its maintenance. Among the varied responses we received, some of them stood out, showing how the people get educated in the informality as in the people testimonials which have learned to read while when they were in the military service or reading the bible. It is interesting to analyze what relationship that people do about the acquisition of literacy and its application in their lives; what changes have occurred in their lives after they decipher the written code. To be meaningful, it is necessary to be an interactive process, where the school works about the student context, their histories and their interventions which can contribute, making some sense to them.

**Keywords:** Youth and adult education. Education in Quilombola. Informal education.

## Introdução

O Programa de Extensão “Formação Docente e Políticas Educacionais para Quilombos: Continuidades e Perspectivas” obteve aprovação junto ao sistema Proext no ano de 2011 e iniciou suas atividades no ano de 2012, pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas. Em seu plano de trabalho eram abrangidos 4 municípios da região de Pelotas, sendo estes: Canguçu, Pelotas, Piratini e São Lourenço do Sul e cerca de 25 comunidades quilombolas dos respectivos municípios. Tendo como objetivo principal estabelecer um diálogo entre Universidade e as populações quilombolas dos municípios, estreitando desta forma os vínculos entre ensino superior, educação básica e comunidade. A proposta visa construir caminhos para a promoção da igualdade racial na sociedade brasileira compreendendo que a educação permeia as várias instâncias da vida humana, e, neste sentido, é necessário que os espaços educativos não formais estejam em permanente diálogo.

Dentre suas ações, foram realizados Fóruns de Discussão com os integrantes das respectivas comunidades quilombolas, envolvendo vários temas como: *Populações tradicionais: quilombos em questão numa perspectiva nacional e regional; Saúde da População Negra; Etnodesenvolvimento: quais as possibilidades de contraponto?; Cultura e resistência: possibilidades frente ao mercado cultural; Políticas públicas de caráter étnico-racial: limites e possibilidades*. Todos os temas foram discutidos entre os representantes das comunidades locais, com representantes de comunidades de outras regiões do estado, com representantes da confederação ou até mesmo com estudiosos envolvidos com os temas citados.

Ainda dentro das ações do Programa, ocorreu paralelamente, formação continuada com os docentes municipais e estaduais que trabalham nos municípios relacionados, em classes com alunos quilombolas, tendo como temáticas: *Aspectos Sócio históricos e contemporâneos dos quilombos no*

*Brasil; Educação das relações étnico-raciais no cotidiano escolar ;Lei 10639/03; Cultura e produção de conhecimento; Corporeidades, religiosidades e musicalidades brasileiras: Encontros éticos e estéticos; Educação e trabalho na perspectiva de etno desenvolvimento; Territorialidades múltiplas: do corpo-território ao território do corpo!; Metodologia de ensino para a educação das relações étnicorraciais no cotidiano escolar; Metodologias investigativas de cunho etnográfico em educação; Políticas de Identidade e gênero na sociedade brasileira; Educação Formal Quilombola: que educação é esta?.* Estes momentos da formação docente sempre buscaram ser momentos práticos de aprendizado, lidando com uma realidade tão próxima, mas que em determinados momentos torna-se distante porque não é do cotidiano da escola, sair do fechamento do currículo enquanto grade e dialogar com contextos que, até mesmo, questionam algumas hegemonias de saber/poder e conhecimentos. Foram momentos de diálogos que permitiram a troca de experiências entre pesquisadores com os próprios quilombolas e os professores em serviço. Foram momentos de diálogos que permitiram a troca de experiências com pesquisadores e até mesmo com os próprios quilombolas.

Outros momentos de valiosas trocas de experiências, foram as oficinas de arte, nas modalidades de desenho, pintura e escultura, realizadas no interior das comunidades, contando com a participação de crianças, jovens, adultos e idosos, todos integrados, retratando seu cotidiano através da arte. Para muitos foi o primeiro momento de contato com alguns materiais específicos, como tintas, telas e pincéis, mas em contrapartida, o barro, que é a matéria prima da escultura, que todos estavam a conhecer pela primeira vez, causava certo constrangimento para manuseá-lo, mas no final, sempre demonstravam satisfação com o resultado alcançado.



*Ilustração 1: Máscara africana produzida na oficina de arte realizada na Comunidade Rincão do Couro, Piratini/RS. Foto: Deise Cunha - Out 2012*

Todas as atividades pedagógicas do programa foram executadas dentro do ano de 2012. Atualmente ainda encontra-se em execução as pesquisas que visam realizar um levantamento de dados da situação educacional das comunidades quilombolas envolvidas na proposta. Até o presente momento, cerca de 15 das 25 comunidades já foram visitadas, contabilizando em torno de 500

peças entrevistadas. Destes questionários torna-se possível levantar alguns dados preliminares, apontando a necessidade das diretrizes específicas para Educação Escolar Quilombola. Dentro os principais dados analisados é possível apontar que:

- Das pessoas acima de 60 anos, a maioria não frequentou a escola, e os que frequentaram, não passaram das séries iniciais;
- Nas gerações atuais, as mulheres são as que menos tempo foram a escola, apontando como motivo para a evasão, a gravidez;
- Os homens, ao abandonarem os estudos, apontam como causa a manutenção da família.

Para além das respostas obtidas na realização das entrevistas, o pesquisador precisa valer-se um olhar sensível/crítico e perceber as respostas dadas nas “entrelinhas”, mostrando como as pessoas se educavam na informalidade como quando respondem terem se alfabetizado ao ler a bíblia, como o Sr. Miguel Ribeiro da C. R. Q. Armada em Canguçu/RS ou quando prestavam serviço militar, sendo aptos ao conseguirem ler a palavra “inconstitucionalissimamente” nas palavras do Sr. João Duarte, da C. R. Q. Rincão das Almas, localizada em São Lourenço do Sul/RS.

### **A barreira encontrada na escola**

É fácil encontrar nas comunidades quilombolas pessoas que não permaneceram na escola por não se acharem sujeitos daquele espaço. Relatam que os momentos de racismo velado eram presentes no dia a dia e este fator se tornava mais um motivo para abandonarem aquilo que não lhes era familiar. Portanto, precisamos lembrar que estes sujeitos, estão imersos em uma dimensão social e cultural ampla, que se desenvolve entre lutas, práticas e movimentos sociais desencadeados pelas ações ao longo de suas histórias.

A narrativa das pessoas da comunidade nos mostra que ao passarem pela escola, nunca lhes foi possível vivenciar processos em que o estudo acerca da história e cultura africana e afro-brasileira fosse discutida para além da escravidão e abolição da escravatura, assim como também não foi lhes possibilitado acesso aos conhecimentos sobre a negritude e sua participação na luta por direitos e políticas públicas.

Para tanto, precisamos reconhecer que, antes de alunos evadidos ou excluídos da escola, portadores de uma “trajetória de insucesso”, carregam trajetórias de exclusão social, onde tiveram seus direitos mais básicos à vida muitas vezes negados, como: alimentação, moradia, trabalho. Nesse sentido, as trajetórias escolares quando somadas a esses fatores tornam-se motivo de abandono, acabando por deixar em evidência todos esses fatores. Logo, vê-se na juventude e vida adulta o momento de recuperar uma vida de direitos negados. A Educação de Jovens e Adultos (EJA) precisa se configurar para reconhecer que essas pessoas vêm de múltiplas situações que acabam por lhes formar para a vida, de um modo que difere daquele que prevê a instituição escolar.

Ao falar em exclusão, remetemos a ideia de Gonçalves:

[...] a exclusão, como regra estruturante das sociedades capitalistas, deveria durar o tempo suficiente para que os excluídos fossem incluídos em novas bases. Entretanto, o que se observa, em nossos dias, é que a exclusão que deveria ser transitória vem se tornando permanente, logo se constituindo em uma espécie de modo de viver.<sup>1</sup>

Logo, torna-se imprescindível, trataras questões que levam à exclusão e aquelas formas metodológicas que propiciam a emancipação e são invisibilizadas/negadas, para evitar que sejam tratados como indivíduos sem capacidade de reação, e evitando assim, também, de romantizar uma situação onde os papéis são de portadores do bem, como se o seu imaginário fosse construído fora do mundo que os oprime.

Cabe aqui salientar que há uma pungente desigualdade no êxito escolar, pois embora, todos, hipoteticamente, tenham direito de acesso à escola, nem todos, ou muito poucos, conseguem superar o processo de seleção que nela ocorre. E esse técnica de seleção ocorre porque o processo escolar deveria estar intimamente ligado a métodos culturais como construção da identidade, de gênero, de raça, de idade, de escolha sexual, de classe social, entre outros.

### **Discutindo a informalidade**

Para construir o conhecimento, as pessoas combinam informações do seu dia-a-dia e na medida em que este passa a ser concebido de forma espontânea, resultado de uma interação com o meio, estas passam a organizar o seu pensamento. Esse é o tipo de processo onde o sujeito é sempre um elemento ativo, que procura constantemente compreender o mundo que o cerca, e que busca resolver as interrogações que o incomodam; o papel do professor nesse processo é provocar avanços significativos nos alunos.

A cultura onde os sujeitos estão inseridos, fornece ao indivíduo os sistemas simbólicos de representação da realidade. Uma forma particular de representação do mundo real. Ela permite o diálogo de informações em constante processo de recriação e reinterpretção dos fatos, conceitos e significados. Esta afirmação fica clara quando Ferreiro diz que: “o processo de aprendizagem está na relação que se estabelece entre o aluno e a escrita. [...] ela aprende a escrita de maneira ativa, retirando das relações sociais e do ambiente em que vive as informações necessárias para se apropriar do objeto do conhecimento”.<sup>2</sup>

Em seus estudos, essa autora percebeu que a escrita não é uma cópia do modelo externo, mas um processo de construção pessoal. O adulto, assim como a criança, que era o alvo da pesquisa de Ferreiro, constrói hipóteses sobre a escrita, que evoluem a medida que avançam no processo de alfabetização, passando por todas as fases: pré-silábica, silábica alfabética e alfabética. Para que estes evoluam mais rapidamente é preciso que sejam inseridos no mundo da leitura e não só da escrita, de maneira que façam a relação entre o que é falado e o que é escrito.

---

1 GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira. Juventude, Lazer e Vulnerabilidade Social. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (Org.). *Diálogos na Educação de Jovens e Adultos*. 2 ed., 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 109.

2 FERREIRO, Emília. *Reflexões Sobre a Alfabetização*. São Paulo: Cortez, 2011. p. 21.

Muitas são as narrativas que nos mostram o quão incomodadas as pessoas ficam, ao encontrar na escola um discurso diferente da realidade vivida, como é o exemplo de Cristiane Silveira Soares<sup>3</sup>, 17 anos, da C.R.Q. Iguatemi :

Eu gosto de trabalha, eu não sei porque eu me do pra trabalha, na escola parece que eu to sempre parada, claro que eu não to parada, eu to fazendo série de exercícios, mas em casa eu faço uma coisa ali, faço uma coisa aqui e eu sempre me acostumei a fica em casa, o pai era contra, porque ele diz que não teve a oportunidade que eu tinha e eu gosto de trabalha, cuida da lavoura, das coisas de dentro de casa, lava a roupa das crianças.

Sempre temos como válido a formação recebida na instituição escolar como formal, onde prevalecem as hierarquias, disciplinas e grades, sendo esta muitas vezes a única forma concebida de adquirir o conhecimento. Dando aos saberes adquiridos de forma não-formal um tom de negativo, atrasado e desqualificado. Não sendo esta a realidade encontrada nas comunidades quilombolas do sul do país, onde aqueles que não encontraram vez na escola, nem ao menos aprendendo a escrever o próprio nome, buscam alternativas de sair desta alienação do letramento. É nos espaços não formais que buscam aprender a ler e escrever como forma de resistência.

Neste sentido, ao falar sobre a Educação de Jovens e Adultos, Paulo Freire concebe o homem como um ser inacabado, que está sempre em busca de ser mais, uma vez que o homem tem a consciência de sua inconclusão e mesmo os que estão na escola, perpassam por momentos do se re-fazer constantemente na práxis. E é desse refazer que surge a imagem do homem como ser histórico, construindo diariamente a sua historicidade, como afirma este autor:

Mas como não há homem sem mundo, sem realidade, o movimento parte das relações homens-mundo. Daí que este ponto de partida esteja sempre nos homens no seu aqui e no seu agora que constituem situação em que se encontram, ora imersos, ora emersos, ora insertados.<sup>4</sup>

Sendo esta lacuna de negação histórica, a luta de igualdade de educação para negros e brancos não surge do hoje, ela vem desde a década de 30, quando a Frente Negra Brasileira possuía um projeto de educação popular, voltada para a população negra. Tinham como principais objetivos, denunciar e superar o racismo, bem como recuperar falhas no processo educativo voltado para a população negra. Além deste, há várias outras histórias de iniciativas de forma sistemáticas ou não, realizadas junto ao movimento social negro e entidades de diversos movimentos sociais. Conforme afirma Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva:

Desde o início do Século XX, as associações negras desenvolvem estratégias e práticas educativas em prol da comunidade negra. Os(as) jovens e os(as) adultos impedidos e excluídos do sistema escolar faziam parte do conjunto de preocupações dessas organizações. Estes grupos, por meio das mais diversas ações, além de denunciarem o racismo, visavam preencher uma lacuna deixada pelo Estado brasileiro em relação aos processos educativos escolares voltados para o segmento negro da população.<sup>5</sup>

3 Depoimento recebido durante pesquisa de campo.

4 FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. p. 103.

5 SILVA, Petronilha Gonçalves e *apud* GOMES, Nilma Lino. Educação de Jovens e Adultos e Questão Racial: algumas reflexões iniciais. SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (Org.). *Diálogos na Educação de Jovens e Adultos*. 2 ed., 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 94.

Hoje vivemos um novo momento na educação brasileira, se antes o foco era o acesso a escola, hoje o centro das atenções é a permanência nos bancos escolares. Principalmente quando o foco são os habitantes das comunidades quilombolas, que para além do processo de aprendizagem, carregam consigo hábitos culturais e geracionais, habilidades e procedimentos, crenças e valores que formam sua bagagem cultural. Para tanto, além de considerar o conhecimento que os(as) estudantes de trazem consigo, é necessário que a escola construa suas propostas pedagógicas a partir da vivência cotidiana dos estudantes, de suas práticas sociais e profissionais, religiosidade, opções de lazer e suas vivências sócio culturais.

### **A relação dos quilombolas com a Educação de Jovens e Adultos**

Sabemos que as desigualdades de oportunidades podem ser social ou escolar, onde para uns o desemprego e a precariedade de acesso adiam a falta de adequação entre formação e emprego. A exclusão escolar manifesta-se das mais diversas e perversas maneiras. A oferta escolar nem sempre é homogênea, onde os alunos com alguma dificuldade são orientados para trajetórias menos valorizadas, podendo se dizer que tais estratégias acabam aprofundando as desigualdades escolares e acentuando a exclusão. Em meio a essa discussão é bom lembrar que nem sempre a educação das crianças e jovens foi realizada numa instituição escolar. A escola há muito tempo atrás não era como a conhecemos hoje, um lugar teoricamente concebido para receber a todos. Sabemos que para chegar nos contornos atuais, houve arrebatadas disputas entre concepções.

Com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola<sup>6</sup>, fica assegurado uma EJA com uma proposta pedagógica flexível, levando em consideração os conhecimentos e experiências de vida dos jovens e adultos, ligadas às vivências cotidianas e individuais e coletivas. Logo esta deve atender às realidades socioculturais e interesses dessas comunidades, estando intimamente ligada a seus projetos de vida. Sua proposta pedagógica deve ser contextualizada, levando em consideração os tempos e os espaços humanos, as questões históricas, sociais, políticas, culturais e econômicas da comunidade. E sua oferta não deve substituir a oferta regular dessa etapa da Educação Básica.

Mas, antes de discutirmos o que garantem as Diretrizes, é bom entendermos como surgem as diferenças culturais e a resistência negra nos processos de educação. É preciso saber que tais diferenças foram construídas e produzidas na história e na cultura. Sendo um processo social, histórico, político e cultural. E no decorrer da história, essas diferenças vão se transformando em desigualdades. Além de que muitas vezes, essas diferenças muitas vezes foram utilizadas como critério de seleção e exclusão. Portanto, para é preciso construir experiências de EJA que incorporem e visem uma educação para a diversidade, contemplando a questão do negro, mas essa construção só será possível discutindo e inserindo esse tema nas lutas sociais.

Logo, é preciso repensar a EJA, onde sua perspectiva ultrapasse ou que se faça ultrapassar uma educação anti racista, criando formas mais democráticas de implementar ações para esse público. Assim, é preciso a inclusão da discussão sobre a questão racial não apenas como tema

---

6 BRASIL. "Conselho Nacional de Educação – Resolução Nº 8 de 20 de Novembro de 2012". *Diário Oficial da União*. Nº 224, Brasília, 2012.

transversal ou disciplina do currículo, mas como discussão, problematização e vivências; esta deve ser uma relação dialógica da prática pedagógica. Faz-se necessário considerar a articulação entre os princípios de educação propostos aqui e as diversas práticas sociais de oralidade, de leitura, bem como desvendar o funcionamento da escrita para o jovem e adulto de forma a possibilitar sua inserção no mundo letrado.

Esse repensar deve surgir da base, da formação dos educadores e educadoras que antes mesmo de criar novos métodos ou técnicas para trabalhar com a diferença, reconheçam a diferença enquanto tal. Só assim é possível respeitar e propor estratégias e políticas que venham a combater toda e qualquer forma de discriminação.

### **Letramento e Alfabetização**

Ler é uma construção social, assim como o falar e o relacionar-se com o outro. Logo, as atividades que envolvam esse processo precisam ser planejadas de modo a permitir que a vivência dos educandos aja sobre elas, enriquecendo-as. Ainda é preciso salientar que estar alfabetizado para continuar nos bancos escolares não garante que se está alfabetizado para uma prática de vida cidadã. Então, podemos reconhecer que a alfabetização escolar está explicitamente descolada da vida cidadã. Nesse sentido, Leão nos afirma que “A escola é um espaço onde as pessoas se encontram e produzem relações sociais. Essas relações poderão ser ricas e humanas, mas também poderão ser desumanizadoras quando não estiverem em sintonia com os projetos e as aspirações dos sujeitos envolvidos”.<sup>7</sup>

Assim, o que se percebe é que há uma necessidade de convivência nos espaços escolares onde sejam priorizadas experiências prazerosas e harmoniosas. Caso ocorra o contrário, torna-se um desafio incorporar os jovens e adultos em situações que lhes habilite como sujeitos de direito. Ao deparar-se com situações adversas, onde o ambiente não favoreça a sua permanência, os saberes ditos “pré-escolares” acabam por ter menos valia que aqueles passados dentro da escola, o que acaba por deixar marcas nos sujeitos.

Essas marcas os acompanharão pelo resto de suas vidas, mas é imprescindível dizer que estas pessoas buscarão formas de enfrentar a cultura letrada. Para eles basta ter escutado alguém ler em voz alta ou visto alguém escrever para que brote um incontrolável desejo de produzir marcas intencionais com sentido, onde o ler e escrever possuem um sentido amplo. E por trás dessa mão que deixa marcas há um sujeito que pensa e procura formas de de representar e recriar a língua escrita.

Os depoimentos nas comunidades quilombolas são variados quanto a aquisição do letramento, mas há os que se destacam, como das pessoas que sentiam necessidade em compreender o que estava escrito na bíblia, ao frequentarem os cultos religiosos, e passaram a conviver tão intensamente com tal desejo, que acabaram por se alfabetizar com o simples manuseio

---

7 LEÃO, Geraldo Magela Pereira. Políticas de Juventude e Educação de Jovens e Adultos: tecendo diálogos a partir dos sujeitos. SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (Org.). *Diálogos na Educação de Jovens e Adultos*. 2 ed., 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 77.

deste livro milenar. E nesse sentido Emília Ferreiro<sup>8</sup> nos diz que “A alfabetização não é mais entendida como mera transmissão de uma técnica instrumental, realizada numa instituição específica (a escola). A alfabetização passou a ser um processo de inserção cultural e social, produzido por uma diversidade de propósitos e usos.

Outro depoimento que merece destaque é dos homens, que ao prestarem serviço militar, eram alfabetizados pelos profissionais com patente superior e eram considerados aptos, quando eram capazes de ler a palavra “inconstitucionalissimamente”. Esta deveria ser uma forma de demarcar os lugares de controle e o controle sobre o discurso, uma vez que a escola, como instituição que deveria ter distribuídos tais marcas, acabou por falhar em sua missão. E é sob estas formas de se apropriar do código escrito que esses cidadãos, oriundos de comunidades quilombolas mostram que a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens.<sup>9</sup>

### Considerações Finais

Sabendo que o homem é um ser dotado de inteligência e acreditando que ele possa sempre ir além dos desafios propostos, faz-se necessário estimular a capacidade de crescimento natural de qualquer um de nós, bastando apenas que nos seja dada oportunidade. Os alunos das classes de EJA das Comunidades Quilombolas, ao chegarem na escola possuem uma bagagem cultural baseados nas experiências e conhecimentos acumulados e reflexões sobre a sociedade em geral. É importante nesse momento lembrar que o adulto se insere no mundo das relações interpessoais de forma diferenciada das crianças.

É essa maneira diferenciada, que, ao ser explorada da forma correta, possibilita o avanço do aprendizado. Para tanto, é preciso que as situações de aprendizagem levem em conta essas peculiaridades tão comuns em suas rotinas. Esse se torna o diferencial para uma maior capacidade de reflexão sobre o conhecimento e sobre os próprios processos de aprendizagem.

Diante do quadro da EJA na Educação Brasileira, e as desigualdades sociais e raciais, precisamos cobrar uma postura, onde os sujeitos das comunidades quilombolas se reconheçam e se valorizem, buscando os efeitos das políticas públicas que possibilitem a garantia de direitos sociais àqueles cujo direitos foram negados e foram muitas vezes excluídos do sistema educacional. Há no momento uma implementação de políticas que garantam o acesso, permitindo a construção de oportunidades iguais para todos. Nesse sentido, o trabalho não é apenas dos quilombolas, mas também dos pesquisadores, que possuem a missão de levar sempre adiante os processos de tomada de consciência. São estes que irão tornar a diversidade conhecida e reconhecida, tornando um desafio para o futuro.

O alfabetizar-se, para esses sujeitos portadores de direitos, é um sinônimo de venturar-se. É a liberdade da tomada de consciência, é uma forma de estar no mundo com os “outros”. É uma forma de construir e reconstruir as suas histórias, tendo como fio condutor a aventura. Cabe a nós

---

8 FERREIRO, Emília. *Passado e Presente dos Verbos Ler e Escrever*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 67.

9 FREIRE, 2011, p. 109.

educadores, testemunhar e acompanhar essas escolhas rompendo com paradigmas e estimular a ascensão, não social, mas pessoal de cada indivíduo.

## Referências

BRASIL. “Conselho Nacional de Educação – Resolução Nº 8 de 20 de Novembro de 2012”. *Diário Oficial da União*. Nº 224, Brasília, 2012.

FERREIRO, Emília. *Passado e Presente dos Verbos Ler e Escrever*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FERREIRO, Emília. *Reflexões sobre a Alfabetização*. 26 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 50 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GOMES, Nilma Lino. Educação de Jovens e Adultos e Questão Racial: algumas reflexões iniciais. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (Org.). *Diálogos na Educação de Jovens e Adultos*. 2 ed., 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira. Juventude, Lazer e Vulnerabilidade Social. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (Org.). *Diálogos na Educação de Jovens e Adultos*. 2 ed., 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LEÃO, Geraldo Magela Pereira. Políticas de Juventude e Educação de Jovens e Adultos: tecendo diálogos a partir dos sujeitos. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (Org.). *Diálogos na Educação de Jovens e Adultos*. 2 ed., 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.